

UNIVERSIDADE DE PASSO FUNDO

FACULDADE DE ARTES E COMUNICAÇÃO

JORNALISMO

As Reportagens Especiais do Estadão podem ser Especiais Multimídia?

Júlia Ângela Giubel

Passo Fundo, 2017

Júlia Ângela Giubel

AS REPORTAGENS ESPECIAIS DO ESTADÃO SÃO ESPECIAIS MULTIMÍDIA?

Monografia apresentada ao curso de Comunicação Social: Habilitação em Jornalismo, na Faculdade de Artes e Comunicação, da Universidade de Passo Fundo, como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Jornalismo, sob a orientação da professora Dra. Sônia Regina Schena Bertol.

Passo Fundo

2017

AGRADECIMENTOS

Quero deixar meu agradecimento a todos que contribuíram para eu chegar até aqui. Primeiramente meus pais Zandir e Sandra, por todo esforço que fizeram por mim. Aos meus irmãos Alan e Eduardo pelo apoio. Vocês são a minha base, tudo que sou devo a vocês e o esforço que fizemos para chegar aqui. Para vocês toda gratidão do mundo! Amo vocês.

Às irmãs que a vida me deu Eliane e Ana Paula, que estiveram comigo durante toda essa caminhada. Aos colegas que foram parceiros de tantas conversas, trabalhos e ajuda.

Cada um tem um pouquinho nessa conquista.

E a escolha pelo jornalismo? Aquela ânsia de querer mudar o mundo, de torná-lo um lugar melhor só nos dá mais força de continuar batalhando. Tenho certeza que não posso mudar o mundo sozinha, mas posso mudar o que está ao meu alcance e me mudar, para tornar o mundo um lugar melhor.

A escolha pelo jornalismo veio desde que me lembro de querer seguir uma carreira, sempre foi o jornalismo que me prendeu. Poder contar para as pessoas o que está acontecendo. Ser quem conta as histórias que emocionam, as reportagens que nos levam as lágrimas. Mas o jornalismo não é só isso.

Agradeço imensamente aos professores do Curso de Jornalismo por me mostrarem todas as possibilidades que posso alcançar. Cada aula foi um ensinamento. Podem ter certeza levo um pouco do aprendizado de cada um comigo.

Agradeço imensamente a minha Orientadora professora Dra. Sônia Regina Schena Bertol, por me mostrar tantos caminhos e tantas possibilidades. Pela paciência e cuidado que teve comigo durante toda a faculdade. Exemplo de profissional e de pessoa que sempre vou levar comigo. Obrigada!

Hoje tenho certeza do que escolhi para o meu futuro. Quero ser jornalista, quero contar histórias de pessoas. Quero emocionar.

RESUMO

Este Trabalho de Conclusão de Curso tem como objetivo principal verificar se as reportagens do Estadão podem ser Especiais Multimídia, de acordo com autores estudados aqui e que explicam quais elementos o especial deve ter. O webjornalismo é a principal fonte do jornalista atualmente. Assim como as reportagens e os especiais multimídia vem para qualificar o jornalismo que fazemos. Foram selecionadas cinco reportagens , a frente, serão classificadas.

Palavras-chave: Webjornalismo, reportagem, especial multimídia, Estadão.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	7
1. WEBJORNALISMO.....	9
2. REPORTAGEM E ESPECIAL MULTIMÍDIA.....	15
2.1 Reportagem.....	15
2.2 Especial Multimídia	16
3. OBJETO DE ESTUDO E METODOLOGIA.....	19
3.1 Sobre O Estadão.....	19
3.2 Metodologia.....	20
4. ANÁLISE.....	22
4.1 Reportagens.....	22
4.1.1 Recifes em risco.....	22
4.1.2 1 ano de microcefalia: uma emergência esquecida	23
4.1.3 O futuro da astronomia brasileira no Deserto do Atacama.....	25
4.1.4 Terra Bruta.....	26
4.1.5 Alcatrazes: um mundo perdido no litoral paulista.....	32
4.2 Resumo da Análise.....	33
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	35
6. REFERÊNCIAS.....	36

INTRODUÇÃO

O webjornalismo é relativamente novo. Com o advento da internet o jornalismo se modernizou, aproveitando a possibilidade que essa nova ferramenta disponibilizou. No início, as publicações eram copiadas diretamente do impresso, ou seja, o que estava no jornal impresso iria para a web no final do dia ou no dia seguinte, esse é o webjornalismo de primeira geração. Depois, com o crescimento da internet os veículos passaram a produzir para a web, mas nada fora do comum, porém já era uma inovação, a essa etapa damos o nome de webjornalismo de segunda geração. Após esse período, com a difusão e o acesso facilitado aos computadores vieram as publicações primeiro na web, e o que dava mais repercussão iria para o impresso, a esse nomeamos de terceira geração.

Atualmente vivemos, segundo alguns autores, o webjornalismo de quarta geração, que se utiliza de todas as potencialidades da web, juntando todas as ferramentas que oferece, como texto, foto, vídeo, áudio, infográfico, hiperlinks, entre outros. Os hiperlinks são uma das características mais marcantes do webjornalismo, por possibilitar ligações entre textos, fotos e outros materiais que já foram publicados.

A internet influencia diretamente no dia-a-dia dos jornalistas. Seja pela coleta de informações, através das bases de dados, ou pela divulgação.

Um das características mais marcantes para quem estuda jornalismo é o conceito de pirâmide deitada, defendida pelo autor português João Canavilhas. Ele diz que as informações mais relevantes devem estar em todo o texto, não apenas no lead, como defende o conceito de pirâmide invertida. A pirâmide deitada consiste em dividir as informações por todo o texto. De forma que o leitor sempre terá novidades em cada parágrafo.

Vários autores falam das características que os materiais jornalísticos que são divulgados na web possuem: Hipertextualidade: é a ligação entre os diferentes materiais já produzidos, as ligações entre eles através de links; Multimídia: integração de diferentes produtos jornalísticos; Interatividade: possibilidade de contato com o autor; Memória: a possibilidade de guardar arquivos e materiais; Personalização: o leitor decide como fazer a leitura; Atualização contínua: é a possibilidade que as outras mídias não possuem, de integrar conteúdos, de agregar e utilizar mais conteúdos.

A personalização é também uma das principais características do webjornalismo, o leitor tem poder de decidir como quer interpretar o texto e quais os materiais vai ler.

A reportagem, diferentemente da notícia, exige apuração maior, busca por fontes, base de dados, investigação. É peça fundamental do jornalismo, e com a internet, também precisou se modernizar. Assim, temos os especiais multimídia, que são grandes reportagens que integram diferentes produtos jornalísticos: texto, fotografia, gráficos, vídeo, animação, áudio, hipertexto.

Os especiais multimídia são uma ferramenta nova do jornalismo. De maneira geral os especiais são a possibilidade de integrar as ferramentas que utilizamos todos os dias para produzir informação. Porém, para ser considerado especial multimídia as mídias precisam se integrar, de maneira que sejam compreendidas sozinhas ou juntas.

A análise deste trabalho tem como tema As Reportagens Especiais do Estadão, e de acordo com a pesquisa e leitura, veremos se essas reportagens podem ser também especiais multimídia. Para ser um Especial Multimídia a reportagem deve conter: texto, foto, vídeo, áudio, infográfico e hiperlinks.

Para isso selecionamos as cinco últimas reportagens de 2016¹, e de acordo com autores estudados aqui, compreenderemos se elas também podem ser especiais multimídia e qual a importância para o jornalismo.

¹ Retiradas do site no dia 15 de outubro de 2017

1 WEBJORNALISMO

Esse texto busca analisar e conceituar a palavra-chave webjornalismo através de leitura de artigos e livros de autores brasileiros e portugueses. Todos eles trouxeram contribuições importantes para o entendimento deste conceito.

O webjornalismo é uma das ferramentas mais utilizadas atualmente no jornalismo. Canavilhas (apud Luciana Mielniczukz) diz que a “nomenclatura da prática jornalística encontra-se relacionada ao suporte técnico” (2002, p.3), ou seja, ao jornalismo produzido na web nomeia-se webjornalismo. É possível encontrar autores que nomeiam como jornalismo online e jornalismo digital. Todos se aplicam ao mesmo objeto, apenas a nomenclatura se diversifica.

Deuze (2006, p. 18) (apud Liana Vidigal Rocha (2011, p. 2)) diz que o webjornalismo “deve ser visto como jornalismo produzido quase exclusivamente para a *World Wide Web*”². De acordo com Anabela Gradim essa forma de se fazer jornalismo pode ser de duas maneiras, a primeira que utiliza o online para recolher informações e a outra que utiliza a web para publicar, seja apenas texto ou explorando toda a potencialidade multimídia (2007, p. 87). Isso quer dizer que os jornalistas têm uma ferramenta, talvez a de maior potencial nas mãos, e decidem como vão utilizá-las, pode ser na coleta de dados, ou utilizando tudo que a web oferece, juntando as potencialidades que a internet disponibiliza.

Não há como falar de jornalismo sem falar de informação. Na web, ela deve ser produzida de forma diferenciada, dependendo do canal que for veiculada. Nos sites de informação ela deve ser “construída por meio de um texto, que possui links que levam a uma leitura não linear e “própria” sobre o assunto. O discurso fragmentado é uma das características.” (Farah, 2015)

Canavilhas explica que com o webjornalismo o jornalista “pode oferecer novos horizontes imediatos de leitura através de ligações entre pequenos textos e outros elementos multimídia organizados em camadas de informação”.(2007)³ E ainda diz que a flexibilização da web possibilita uma organização das informações de acordo com as estruturas hipertextuais. Essas informações exigem uma estrutura própria, e estão

² Rede de alcance mundial, pode ser chamada de web.

³ [Tradução nossa]

diretamente ligadas aos elementos multimídia disponíveis. Primo e Träsel dizem que o leitor tem ampla possibilidade do que e quando ler.

Desde o início da produção jornalística os jornalistas produziram seguindo o conceito de Pirâmide Invertida seguindo as perguntas do Lead (O que? Quem? Quando? Onde? Como? Porque?). Com a facilidade ao acesso à web o público busca melhores conteúdo e quer acesso ao material de forma diferenciada. “Recorrendo à técnica da pirâmide invertida, o jornalista organiza a notícia colocando a informação mais importante no início e o menos importante do final, pelo que o leitor apenas pode efetuar a leitura seguindo o roteiro definido pelo jornalista”⁴(Canavilhas, 2007, p.2 a)

Porém, com o aumento da produção para a web vários autores defendem a técnica da Pirâmide Deitada, estudada principalmente pelo autor português João Canavilhas, que defende que o material jornalístico produzido para a web não deva ser feito com o conceito de pirâmide invertida, ou seja, “usar a técnica da pirâmide invertida na web é cercear o webjornalismo de uma das suas potencialidades mais interessantes: a adoção de uma arquitetura noticiosa aberta e de livre navegação”⁵(2007, p.30 a). Dessa forma, não há como falar de webjornalismo sem falar de pirâmide deitada. Trata-se de ter informações importantes em todas as partes do texto e ao mesmo tempo, ou seja se o leitor parar de ler vai entender compreender a informação.

“Em suma, a pirâmide deitada é uma técnica libertadora para utilizadores, mas também para os jornalistas. Se o utilizador tem a possibilidade de navegar dentro da notícia, fazendo uma leitura pessoal, o jornalista tem aos seu dispor um conjunto de recursos estilísticos que, em conjunto com novos conteúdos multimédia, permitem reinventar o webjornalismo em cada nova notícia” (Canavilhas, 2005, p. 16 b).

Isso é, sem dúvida, um dos aspectos mais marcantes do webjornalismo. O leitor/utilizador pode escolher a forma como quer ler o texto. Veremos isso claramente a frente, ao explicarmos os especiais multimídia, que utilizam os recursos disponíveis na web a seu favor, com hiperlinks, fotos, vídeos, áudios, e muito mais.

Nesse contexto entendemos a importância que esse novo espaço tem “como alternativa para as publicações que não encontram espaço no papel” Canavilhas (2007,

⁴ [Tradução nossa]

⁵ [Tradução nossa]

p.30. a) para que se possa colocar outros tipos de mídias além do texto. Farah quando fala na informação para a web diz que é construída através do texto, levando a uma leitura própria, “o discurso não linear é uma das características da informação na web” (Farah, 2015), isso quer dizer que a forma de leitura a ser seguida é escolha do leitor. Longhi ainda afirma que dentro desse cenário “comparecem aspectos definidores tais como interatividade (com os conteúdos, com outros usuários, ou com os próprios produtores das informações), a memória e a navegação não-linear” (2009).

Oliveira e Glamzmann destacam que o jornalismo está se tornando um “sistema contemporâneo aberto à inovação, principalmente porque o leitor passou a fazer parte do fluxo de informação” (2010, pg. 105), isso quer dizer que os internautas têm a possibilidade de interagir e ajudar na construção do material divulgado.

Já há uma produção exclusiva para a web, diferentemente do que acontecia no início da internet, em que os meios apenas copiavam o conteúdo que iria para o impresso e, de acordo com Palácios et al “sites jornalísticos que extrapolam a ideia de uma versão para a Web de um jornal impresso, constituindo, assim, o webjornalismo” (2007, p.3), assim, os conteúdos são produzidos para a web e não apenas copiados do impresso. Farah (2015) ainda diz que o jornalismo na web tem a possibilidade de veicular grandes reportagens ou reportagens especiais, pelo seu espaço sem fim, como analisaremos no objeto deste trabalho, que são os especiais multimídia do Estadão. Os especiais multimídia também pode ser chamados de grandes reportagens, por integrar diferentes métodos jornalísticos, como fotos, vídeos, texto, entre outro como veremos a frente.

Gradim traz ainda como a web junta outros meios jornalísticos num mesmo produto:

Os conteúdos são produzidos unicamente para as versões online, contendo já hiperligações, aplicações interativas e, nalguns casos, fotos, vídeos ou sons; Conteúdos desenvolvidos exclusivamente para a web, tirando partido de todas as suas características, são sobretudo as duas últimas fases que merecem o nome de webjornalismo, e que se caracteriza por uma convergência de meios, materializados em produções multimídia, meios esses que antes eram exclusivos de determinado meio: • texto, proveniente dos jornais; • hiperlink, proveniente das antigas enciclopédias; • som, proveniente da rádio; • a imagem em movimento proveniente das televisões • e a não-linearidade, proveniente dos jornais e ausente em rádio ou televisão - meios que se associam para criar um produto novo (GRADIM, 2007, p.87).⁶

⁶ [Tradução nossa]

É utilizando esses recursos que o webjornalismo se diferencia dos outros meios. Ao integrar todas essas mídias, o jornalismo na web, se torna o mais completo – se os jornalistas souberem fazer para isso.

Vários autores estudados aqui classificam esse jornalismo em três fases: a) primeira geração: o conteúdo é reproduzido do impresso; b) segunda geração: primeiras experiências no meio web, com aprofundamento do material que estava no impresso; c) terceira geração: os materiais são pensados para serem divulgados diretamente no online, com multimídia, interatividade e hipertextos⁷. Barbosa (apud Baccin e Daniel) complementa:

“Para Barbosa (2013), a quarta geração se baseia no jornalismo de base de dados. Nesse estágio, as bases de dados (BDs) são entendidas como elementos que dão estrutura e sustentação para todas as atividades jornalísticas: desde a pré-produção, até a produção, a circulação, o consumo e a pós-produção. (Baccin, Daniel, 2013 p. 212).

A Base de Dados é utilizada no jornalismo tanto para coleta de informações, quanto para a divulgação.

Desse modo o webjornalismo não traz apenas o conteúdo noticioso escrito, traz também vídeos, fotos, áudios, gráficos e links ligando esse material a outros semelhantes e que vão se complementando, assim “apresentados num formato não linear e não redundante que intensifica as possibilidades de escolha do leitor” (GRADIM, 2007, p. 87), Canavilhas complementa que “a quantidade (e variedade) de informação disponibilizada é a variável de referência, com a notícia a desenvolver-se de um nível com menos informação para sucessivos níveis de informação mais aprofundados e variados sobre o tema em análise” (2007 p. 36).

Sobre multimídia Longhi explica:

⁷ De acordo com o livro “Hipertexto Hipermídia – as novas ferramentas da comunicação digital” hiperlink é a possibilidade de passar de um texto, site ou conteúdo para outro, através de links dentro do próprio material jornalístico.

“Ainda que na maior parte o jornalismo online utilize a multimídia de forma justaposta, onde os conteúdos são colocados ao lado das notícias textuais, como arquivos específicos de imagem(fotos e vídeos), e sons (*pod casts*), é na exploração dos conteúdos que integram as linguagens com a interatividade e conectividade do meio que se dá a mais efetiva exploração das características hipermediáticas dos meios digitais, produzindo configurações que podem ser consideradas específicas do webjornalismo” (LONGHI, 2009, p.12).

Integrar as linguagens, complementá-las e utilizar de toda a potencialidade do webjornalismo é explorar a fundo o que o meio pode oferecer. Em materiais produzidos para a web, deve-se utilizar os recursos de forma a se completarem, e que, da mesma maneira, possam ser compreendidos sozinhos. Também aprofundaremos multimídia mais a frente, complementando a reportagem.

Palácios apud Baccin & Daniel e explica que o webjornalismo no Brasil possui seis características:

(a)Hipertextualidade: uma estrutura que permite à narrativa se construir de maneira não-linear, que une um enlace a outro, utilizando o hipertexto; (b)Multimedialidade: é a possibilidade de reunir recursos provenientes de diferentes formatos, como a imagem, o som e o áudio; (c)Interatividade: possibilidades que o leitor tem para entrar em contato com o autor do conteúdo *online*: *chats*, *e-mails*, fóruns, etc; (d) Memória: a *Web* é uma plataforma que permite mais facilmente o acúmulo e o acesso às informações(...); (e)Personalização: é a possibilidade de o leitor encarar a narrativa da maneira como julgar mais necessária ou pertinente; (f) Atualização contínua: permite aos jornalistas adicionar matérias ao produto final mesmo após a publicação. (2014, p. 213)

Essas características possibilitam compreender o alcance e potencialidade da web.

Assim, os conteúdos feitos para a web integram diferentes formatos e maneiras de agregar mídias. Oliveira & Glanzmann (apud Briggs, 2010, p. 106) dizem que a criação e distribuição na web tem como “comunicação aberta, controle descentralizado, liberdade para compartilhar e recombinar conteúdos” as principais características.

Longhi explica que todos os conteúdos jornalísticos na web tendem a ser multimídia, e devem se utilizar da hipermídia⁸:

⁸ Todos os métodos de transmissão de informação através da web – fotos, textos, áudios, infográficos, entre outros.

“uma das características principais dos meios digitais, a hipermídia e sua capacidade de utilização de linguagens diferentes em um mesmo ambiente de informação (multimídia). (...) as narrativas multimidiáticas talvez estejam representando o que de mais específico e inovador esteja emergindo do jornalismo digital. (LONGHI, 2009, p. 2)

Ainda falando sobre o potencial que a web traz para o jornalismo, diferentemente de outros meios, a possibilidade de corrigir uma informação é mais instantânea. “No webjornalismo um erro pode ser corrigido a qualquer tempo no mesmo local onde foi feita a publicação original. Essa matéria pode inclusive ser removida, algo impossível nos outros meios” (Primo e Träsel, 2006, pág. 45)

Farah em seu artigo apresentado no XIV Congresso Internacional Ibercom 2015 diz que a web mudou a comunicação. “Acelerou-a, transformou e revolucionou o formato. A evolução das tecnologias (...) transformou e possibilitou o surgimento e a sofisticação das reportagens multimídias.”

2 REPORTAGEM E ESPECIAL MULTIMÍDIA

Neste capítulo conceituaremos reportagem e especial multimídia, com a contribuição de vários autores.

2.1 Reportagem

Thais Furtado diz que a reportagem é o futuro do jornalismo, já que a notícia é o dia-a-dia da nossa profissão. De modo que “Para fazer uma reportagem, é necessário mais tempo e apuração para uma pesquisa, (...) e, a reportagem, na qualidade e forma discursiva tende a afastar o fato do relato” (Furtado, 2013, p. 150), dessa forma, mostrando que, o jornalista interpreta e constrói o mundo, ao mesmo tempo, e que, na reportagem o mais importante não é somente o fato, mas todo o contexto, desde os personagens, até o posterior ao acontecimento.

Compreende desde a simples complementação de uma notícia – uma expansão que situa o fato em sua relação mais óbvia com outros fatos antecedentes, consequentes ou correlatos – até o ensaio capaz de revelar, a partir da prática histórica, conteúdos de interesse permanente, (...). Na prática contemporânea do jornalismo impresso, existe a tendência de transformar em reportagem cada fato programado. Mesmo um fato inesperado pode ser complementado eficientemente por uma reportagem, à medida em que a indústria jornalística desenvolve técnicas e processos bastante rápidos para a coleta e processamento de dados. (Lage, (1982, pg. 83) apud Franceschin (s/d. p.3)

É assim que a maioria dos fatos pode se tornar uma reportagem. Todos os acontecimentos, mesmo que factuais, podem ter desdobramentos e se tornar assunto de reportagens.

Dessa forma, podemos entender que a reportagem exige mais empenho dos jornalistas, tanto na apuração quanto na divulgação, pois exige maior aprofundamento do assunto. Silva e Baltazar explicam que a reportagem se diferencia da notícia por ser mais abrangente e profunda, e que a ideia da reportagem pode vir de acontecimentos factuais, porém não é só isso que ela traz.

Lage (apud Franceschin) diferencia a reportagem da notícia dizendo que “são, portanto, sutis, porém perceptíveis, as distinções entre notícia e reportagem. Em primeiro lugar, a reportagem trata de assuntos, e não necessariamente de fatos novos. Seu objetivo é contar uma história verdadeira, expor uma situação ou interpretar fatos.”

(s/d, p. 3). E completa “a reportagem preocupa-se em ser atual e mais abrangente” (s/d, p.3). Porém, como aprendemos ao longo da faculdade, as reportagens, por mais que tratem de assuntos factuais, perduram.

Sodré e Ferrari (apud Silva e Baltazar) dizem que “é a justo título, uma narrativa – com personagens, ação dramática e descrições de ambiente – separada entretanto da literatura por seu compromisso com a objetividade informativa.” (2013, p. 21).

Sodré e Ferrari (apud Silva e Baltazar) explicam que:

(...) a reportagem deve conter características como predominância da forma narrativa, humanização do relato, texto de natureza impressionista e objetividade dos fatos narrados. Assim, a narrativa precisa estar presente dentro de uma reportagem, ou do contrário não será uma. (Sodré e Ferrari apud Silva e Baltazar, 2013, pág. 23)

Com isso, percebemos que toda reportagem precisa de aprofundamento e, como veremos a seguir, os especiais multimídia são reportagens que se utilizam de todos os recursos que a web pode oferecer.

2.2 Especial Multimídia

Para falar sobre os especiais multimídia, primeiro precisamos falar de multimídia. Plaza (apud Baccin e Daniel) diz que a multimídia nada mais é do que a sobreposição de diferentes tecnologias, sem que gere um conflito ou um produto diferente no final. Segundo os autores, citando Salaverría, há duas formas de convergência de conteúdo que geram a multimídia: por justaposição, em que diferentes materiais feitos a partir da mesma apuração, apresentados em diferentes formatos, não se completam e podem se repetir; por integração: combinação de diferentes suportes midiáticos num mesmo produto, é necessário que haja uma integração entre os meios.

Stefanelli diz que multimídia está ligada à apresentação de informações, por meio digital, de forma integrada, interativa e multissensorial.

Baccin e Daniel dizem que a reportagem carrega influência do meio em que está inserido. “De certo modo o especial herda muitas características da grande

reportagem no impresso e se destaca por acumular, de maneira integrada, diferentes formatos e gêneros jornalísticos no meio digital” (Baccin; Daniel, 2014, p.212)

Longhi discorre sobre as reportagens multimídias e o que poderia definir o webjornalismo na questão dos conteúdos.

“Abrangendo formatos tão diversos como *slide-shows*, com ou sem áudio, infográficos interativos e/ou animados, dentre outros, englobados ou não num produto informativo maior, tais narrativas têm utilizado a multimídia numa combinação e rearranjo de linguagens específica dos meios digitais e, mis ainda, conectados em rede ” (Longhi, 2009, p. 2).

Dessa forma, podemos ver que os materiais multimídia se utilizam de tudo que a web oferece para o jornalismo, que são encontrados também nos especiais multimídia.

Farah explica a informação para web:

“ (...) Essa característica é muito importante para a grande reportagem na web, pois garantirá movimento e liberdade para o usuário, possibilitando que ele conheça a extensão do conteúdo e tenha praticidade na leitura para apreensão do conteúdo” (Farah, 2015, p. 8).

Longhi (2009) fala que a hipermídia é uma das características principais da linguagem dos meios digitais, além da “capacidade de utilização de linguagens diferentes em um mesmo ambiente de informação”.

O especial, como já citado anteriormente na reportagem, carrega o formato do meio que está inserido

De acordo com Longhi os especiais multimídia também podem ser chamados de reportagem multimídia e narrativa multimídia, e completa dizendo que “as narrativas multimidiáticas no webjornalismo têm se desenvolvido de maneira exponencial, num crescimento estimulado pelos avanços técnicos” (Longhi, 2010, p.149)

Ainda em seu artigo Farah (2015) traz a definição da produção dos conteúdos jornalísticos de acordo com Marcos Palacios; Moherdau; Ferrari Ribas; que são: multimedialidade, interatividade, customização do conteúdo, memória, atualização contínua, hipertextualidade e a utilização do banco de dados.

A hipertextualidade é a possibilidade da leitura não-linear, ou seja, pode seguir qualquer link que o conteúdo será completo. A interatividade é a possibilidade de o usuário interagir com a informação, direta ou indiretamente. A multimídia é a principal diferença da grande reportagem no impresso para a web, pois o leitor pode acessar as informações da maneira que quiser. A personalização é montar o texto com o conteúdo multimídia que preferir. Os caminhos que a informação percorre e guarda é a chamada memória, pode estar junto aos bancos de dados. A atualização continua está nas notícias factuais e não se encaixa às grandes reportagens.

De acordo com a IJNET (Rede de Jornalistas Internacionais) apud Farah:

“Há alguns elementos que podem definir uma boa reportagem multimídia. (...)as matérias multimídia aproveitam os pontos fortes de cada meio, como os vídeos para mostrar ação; as fotos para capturar um momento-chave no tempo ou uma forte emoção; o áudio para registrar as falas mais interessantes, importantes ou polemicas; e os gráficos servem para estruturar processos ou dados complexos de modo facilitando aos usuários, que também podem ser interativos” (IJNET apud FARAH, 2015, p. 11)

Longhi explica que os conteúdos multimídia em geral aparecem de maneira justaposta onde elementos como fotos, vídeos ou arquivos de áudio são colocados ao lado das informações textuais, de forma a complementá-las. (2009, p. 8)

A multimídia é a característica mais marcante nas reportagens multimídias, especiais e nos especiais multimídias. “Poderíamos afirmar que os planos do conteúdo e da expressão, nos produtos multimidiáticos se integram num equilíbrio proporcionado (...) pela superfície virtual da tela” (Longhi, 2009, p. 4)

Longhi, buscou definir em vários textos o conceito de especial multimídia. No artigo publicado em 2010 ela diz sobre os especiais multimídias, “Grande reportagem constituída por formatos de linguagem multimídia convergentes, integrando gêneros como a entrevista, o documentário, (...), num único pacote de informação. ” (2010, p. 153)

Neste mesmo texto a autora busca explicar como entender essa nova forma de fazer jornalismo. “A nomenclatura “especial multimídia” tem sido usada para definir a web-reportagem que se utiliza de elementos multimidiáticos integrados (imagens, sons e texto verbal), sendo também chamada de reportagem multimídia, narrativas multimídia, dentre outros, para citar apenas a língua portuguesa” (Longhi, 2010, p.150).

Interatividade marcou o primeiro momento da “linguagem hipermídia do ambiente online de informação, sendo usada inclusive, em outros meios, como a tv e o rádio, hoje a multimídia ocupa esse espaço” (Longhi, 2010, p. 159), ou seja, explica que é possível interagir com os jornalistas, com a informação e com outros leitores.

3 OBJETO DE ESTUDO E METODOLOGIA

3.1 Sobre O Estadão⁹

Com dados divulgados pelo próprio veículo:

O Estado de São Paulo é o mais antigo dos jornais da cidade de São Paulo ainda em circulação. No início do ano de 1875, ainda durante o Império, circulava pela primeira vez “A Província de S. Paulo” - seu nome original. Somente em janeiro de 1890 recebeu a atual nomenclatura.

Os fundadores foram 16 pessoas reunidas por Manoel Ferraz de Campos Salles e Américo Brasiliense, seguindo uma proposta de criação de um diário republicano, com propósito de combater a monarquia e a escravidão. Nesta época a cidade de São Paulo já estava em franco desenvolvimento.

Após uma época de expansão, e de crescimento a cidade contava com cerca de 30mil habitantes. Em 1875 havia mais dois jornais diários: Correio Paulistano e Diário de São Paulo, ambos extintos.

A importância da fundação de “A Província de São Paulo” deve-se ao fato de ser o primeiro grande jornal de ideal republicano e abolicionista, através dos textos de Francisco Rangel Pestana e Américo de Campos, primeiros redatores. O jornal foi crescendo e a cidade também, influenciando cada vez mais a política nacional.

No final do século XIX, anterior a Proclamação da República, Euclides da Cunha, após ser expulso do exército passa a colaborar com “O Estado”. No mesmo período “A Província” atingia a tiragem de 8 mil, já com o nome “O Estado de S. Paulo”.

Em 1896, uma nova máquina é adquirida, e a tiragem chega a 18 mil durante a campanha e Canudos, quando os leitores aguardavam as matérias enviadas por Euclides da Cunha, pelo telégrafo.

O jornal foi apoiador de várias candidaturas à Presidência da República, algumas contra o governo outras a favor, sempre abertamente.

⁹ <http://www.estadao.com.br/historico/print/resumo.htm>

Em 1930 atinge a tiragem de 100 mil exemplares diários e lança aos domingos um Suplemento em Rotogravura, com grande destaque às ilustrações fotográficas. No mesmo ano, a população da cidade alcança a marca de 887.810 mil habitantes.

Editorialmente o jornal sempre manteve sua linha de apoio à democracia representativa e à economia de livre-mercado. Em 1964, "O Estado" apoiou o movimento militar que depôs o presidente João Goulart ao constatar que já não tinha autoridade para governar. No entanto, entendia que a intervenção militar deveria ser transitória. Quando se evidenciava que os radicais de extrema direita aumentavam sua influência, objetivando a perpetuação dos militares no poder, O Estado retirou seu apoio e passou a fazer oposição.

Em maio de 2000 ocorreu a fusão dos "sites" da Agência Estado, O Estado de S. Paulo e Jornal da Tarde resultando no portal Estadão.com.br, veículo informativo em tempo real. E, segundo pesquisas, um dos maiores portais e jornais impressos do país.

No ano de 2002 iniciou-se uma nova atividade editorial com o lançamento de livros de alto nível, com duas obras de grande interesse histórico já publicadas: "A Guerra", de Júlio Mesquita; e "São Paulo de Piratininga: de pouso de tropas a metrópole".

E muitos outros projetos estão em andamento, no intuito de divulgar publicamente o enorme acervo histórico e cultural de O Estado de S. Paulo, organizado ao longo de 129 anos de existência e imbricado com a história da cidade, do estado e do país.

Por todas essas características escolhemos o Estadão como veículo da pesquisa.

3.2 Metodologia

Este trabalho, inicialmente, utiliza-se de revisão bibliográfica para compreensão das Palavras-chave: Webjornalismo, reportagem, especial multimídia e Estadão.

A metodologia da pesquisa será feita em torno das reportagens divulgadas pelo veículo Estadão em 2016. Foram selecionadas as cinco últimas publicadas.

Visto que os especiais multimídia são os produtos jornalísticos que integram fotos, vídeo, texto, entre outras características que o webjornalismo permite, o objetivo desta pesquisa é analisar as reportagens do Estadão, e questionar se elas podem também ser caracterizadas como especiais multimídia.

Esta será uma pesquisa qualitativa. De acordo com Godoy pesquisa qualitativa é: “Envolve a obtenção de dados descritivos sobre pessoas, lugares e processos interativos pelo contato direto do pesquisador com a situação estudada, procurando compreender os fenômenos segundo a perspectiva dos sujeitos” (1995, pág. 58)

4. ANÁLISE

O objeto deste trabalho é a análise das reportagens especiais do Estadão. Serão selecionadas as cinco últimas reportagens do ano de 2016 do Estadão. Analisaremos de que maneira os recursos jornalísticos foram empregados e se as reportagens podem ser chamadas de especiais multimídia.

4.1 REPORTAGENS:

As cinco reportagens selecionadas foram do ano de 2016, selecionamos as cinco últimas divulgadas no site. São elas: Recifes em Risco; Uma emergência esquecida; O futuro da astronomia brasileira no Deserto do Atacama; Terra bruta: pistolagem, devastação e morte no coração do Brasil e, Alcatrazes: um mundo perdido no litoral paulista.

4.1.1 Recifes em risco: Branqueamento de corais em Abrolhos ameaça sobrevivência do maior banco de biodiversidade marinha do Atlântico Sul

A primeira matéria analisada foi “Recifes em Risco: Branqueamento de corais em Abrolhos ameaça sobrevivência do maior banco de biodiversidade marinha do Atlântico Sul” (figura 1), publicada em 21 de agosto de 2016 e assinada pelo jornalista Herton Escobar.

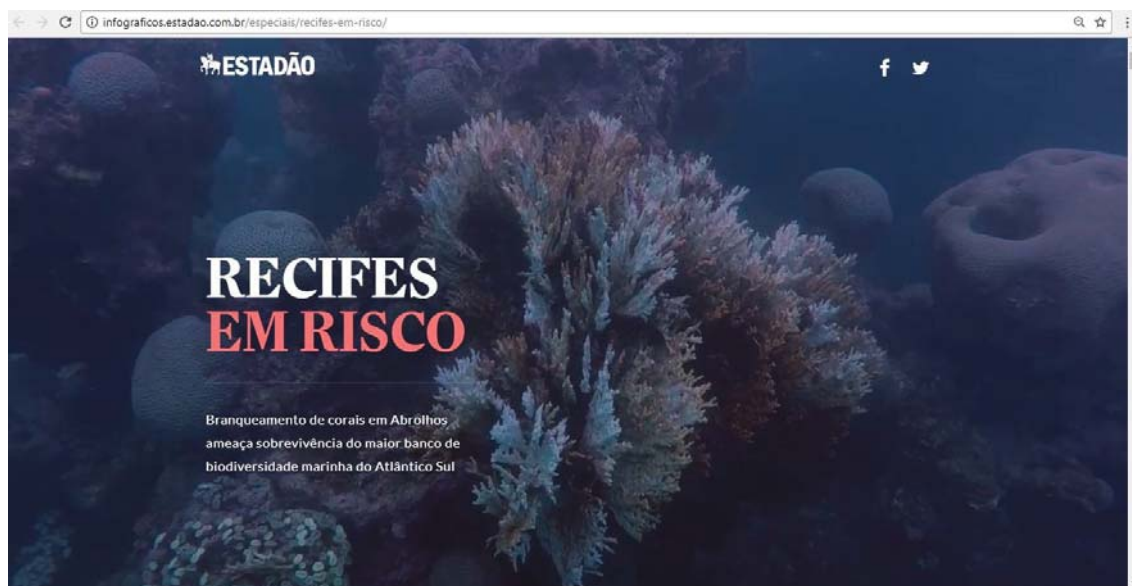


Figura 1: Recifes em Risco / Divulgação Estadão

Ao abrir a reportagem nos deparamos com uma imagem em movimento de um recife de corais. A reportagem é dividida em introdução e quatro capítulos. Todos os capítulos contêm texto e galerias de fotos. O texto é direto, ou seja, explica claramente a situação em que os corais se encontram. Ainda conta com detalhes as causas e consequências do fenômeno que mata os corais devido ao aumento das temperaturas no oceano. Além de ser escrito de forma humanizada, característica marcante do jornalismo literário. De acordo com Pena o jornalismo literário é “potencializar os recursos do jornalismo, ultrapassar os limites dos acontecimentos cotidianos, proporcionar visões amplas da realidade, exercer plenamente a cidadania, romper as correntes burocráticas da lide”. Ao falar da situação em que os corais estão, o jornalista nos faz passear por um cenário que cria dentro de nós. Salientado pelo texto é o fato de que o branqueamento ocorre de tempos em tempos, porém a preocupação é pela frequência nos últimos anos. Ao lado dos textos é possível clicar em fotos que explicam e complementam o texto. Galerias de fotos estão por toda a reportagem.

Há a presença de hiperlinks ligando o texto a sites ligados ao assunto. No vídeo logo abaixo dos primeiros parágrafos um dos responsáveis pelo projeto de preservação dos corais narra o que já foi e o que pode ser feito para melhorar a situação. Alguns dos vídeos foram inseridos diretamente no texto, outros copiados do youtube.

Percebemos uma animação/infográfico para identificar o estágio que os corais se encontram, desde o início do branqueamento até a consequência mais grave, a morte da planta. Uma animação mostra como tem sido o aumento das temperaturas no oceano. Outra de como diferentes espécies são afetadas.

Pode-se afirmar que a reportagem é um especial multimídia, pois integra os meios. Característica marcante é a integração dos recursos utilizados de forma a se complementarem e mesmo assim, se for vê-los sozinhos é possível compreender.

4.1.2 1 ano de microcefalia: uma emergência esquecida

A reportagem seguinte é “1 ano de microcefalia: uma emergência esquecida” (figura 2), com texto de Fabiana Cambricoli. A reportagem foi publicada em 6 de novembro de 2016.



Figura 2: Com 1 ano, Alessandro ainda não iniciou tratamento de reabilitação / Gabriela Biló / Estadão

A equipe de reportagem acompanhou o primeiro ano de vida de quatro bebês que nasceram com a doença, em Pernambuco e São Paulo (Figura 3). O texto inicia com uma contextualização e o avanço da doença e uma reportagem com depoimentos dos pais, contando as dificuldades que tem por conta da doença das crianças. Para ilustrar o que está escrito, há um gráfico logo no início explicando os dados.

Após a introdução, a história de cada bebê é contada separadamente, em uma nova página.



As viagens de Pérola



A espera de Alessandro



A maratona de Matheus



O mistério de Laura e Lucas

Figura 3. Os bebês acompanhados pela reportagem / Divulgação Estadão

As imagens dispostas por todas as páginas são marcantes, cheias de emoção e significado. Elas podem, sozinhas, explicar o que está dito nos textos. Há caixas de texto ao lado da reportagem, os assuntos vão desde como ajudar até

o que as complicações da falta de tratamento causam. A cada nova reportagem há um mapa que mostra a cidade onde os bebês moram.

A reportagem analisada não pode ser considerada especial multimídia pois nela só há a presença de texto, fotos, gráficos e um vídeo. Falta um dos meios mais marcantes dos especiais, a presença de hiperlinks.

Vemos a presença de vários elementos, mas essa reportagem não pode ser caracterizada como especial multimídia pois ela não possui integração entre os diferentes meios. Ou seja, por mais que a reportagem em vídeo explique a história dos bebês, ela não se integra com o texto, pode ser compreendida em si, porém não há informações suficientes para a compreensão total da reportagem escrita.

4.1.3 O futuro da astronomia brasileira no Deserto do Atacama

A terceira reportagem analisada foi “O futuro da astronomia brasileira no Deserto do Atacama” (figura 4), publicada em 26 de junho de 2016, e escrita pelo jornalista Herton Escobar. A reportagem é sobre a astronomia brasileira. O principal fator abordado é a construção de um telescópio moderno, que o Brasil arcaria com 10% dos custos, através da participação em um acordo internacional. Porém a indefinição pode fechar as portas para a nossa astronomia.



Figura 4, Deserto do Atacama / Reprodução Estadão

A reportagem inicia com uma série de três vídeos. O primeiro explica por que é importante para os estudos astronômicos do Brasil participar do

Observatório. O segundo vídeo fala do local onde seria construído o telescópio e a importância dele nos estudos mundiais. O terceiro vídeo mostra outros dois telescópios que o Brasil é sócio e como a assinatura do acordo faria com que a nossa astronomia crescesse ainda mais.

Há um gráfico interativo, a cada clique ele mostra um lugar diferente da futura construção. O texto é claro e explica bem o que já foi dito no vídeo, ou seja, tanto vídeo, quanto texto podem ser vistos separadamente que é possível compreender.

Há a presença de hiperlinks e de palavras sublinhados que são explicados ao lado do texto.

A reportagem “O futuro da astronomia brasileira no Deserto do Atacama” traz diferentes meios, que, como as outras reportagens, separadamente são compreendidos e unidos se completam.

4.1.4 Terra Bruta

É uma série de reportagens, veiculadas a partir de 10 de julho de 2016. A série retrata a violência que desmata as florestas e mata os homens que tentam cuidar do que restou de mata após os conflitos rurais por terras e madeira nos estados de Mato Grosso, Amazonas, Goiás, Mato Grosso do Sul, Pará, Rondônia e Tocantins. Cada capítulo conta diferentes histórias que aconteceram em cada estado.

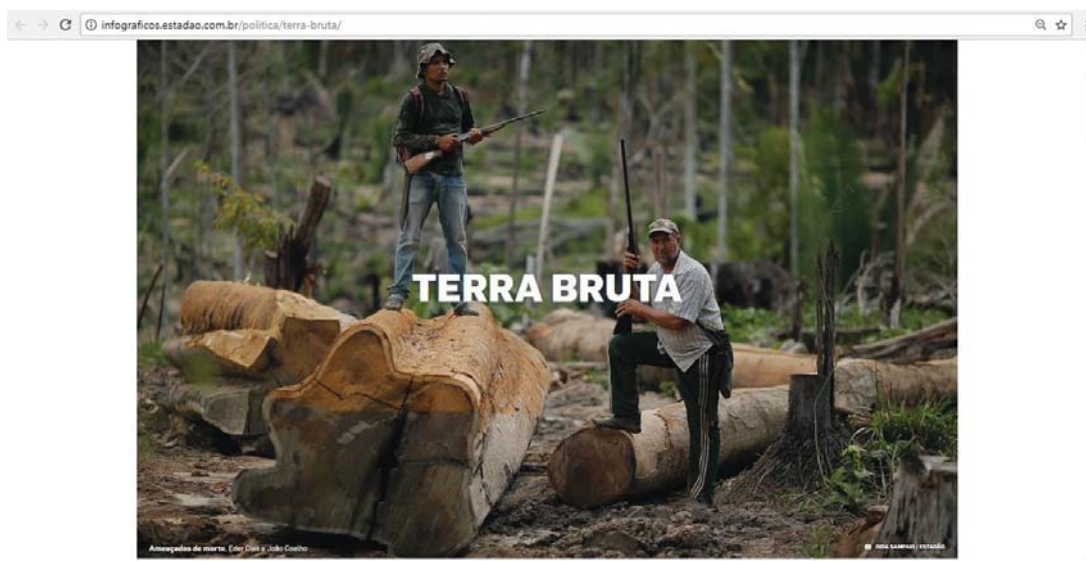


Figura 5: Ameaçados de morte. Eder Dias e João Coelho

O texto inicia com um capítulo nominado “Introdução”, que conta a história de dois extrativistas que tentam impedir a passagem dos invasores que vão para Rondônia desmatar a floresta. Logo no início do texto há uma entrevista de um dos extrativistas contando quantos amigos já viu mortos por conta da exploração ilegal no coração do Brasil. Após uma breve explicação da série, há um gráfico com os dados coletados pela reportagem com: Conflitos por terra; Caminhos da reportagem(rodovias) e Rotas dos bandeirantes. No gráfico é possível escolher quais informações o leitor que ver. Na introdução ainda há materiais extras: gráficos com nomes e idades das vítimas em cada estado, mapa do desmatamento na Amazônia e as árvores que estão em extinção.



Figura 6: Galeria de capítulos da reportagem

O primeiro capítulo das reportagens é “Catingas e Guaxebas”, publicada no dia 10 de julho de 2016. Os repórteres contam como é a quadrilha que tira as terras antes que virem assentamentos, e também expulsam pequenos fazendeiros e donos de terras para se apropriar delas. Neste capítulo temos a presença de texto, vídeo em que uma senhora narra uma das noites mais difíceis que tiveram, em que os pistoleiros chamados de “Catingas” invadem as terras, se apropriam e depois as entregam para fazendeiros. A única autoridade que esse grupo respeita é a Polícia Federal. Trata-se de um jogo de interesses, em que as famílias que vivem nessas terras ficam até serem oficialmente donos e depois as vendem para os grandes fazendeiros por trás da invasão. Já os “Guaxebas” são os “seguranças” das fazendas.



figura 7: Chacina. Pai e Filho são incinerados vivos. Dida Sampaio/ Estadão

Ainda nessa reportagem temos galeria de fotos. O texto que se segue conta a mesma história presente no vídeo. O texto segue contando a história da chacina em que quatro pessoas foram queimadas vivas e uma a tiros. As histórias que seguem contam mais momentos de terror vividos pelas pessoas que moram nesses locais. Pais que não deixavam os filhos irem para a escola por medo da violência. Há ainda a presença de documentos como um dossiê que trata de homicídios contra índios, camponeses, fazendeiros.

O segundo capítulo da série é “Chuva de Veneno”, publicada em 11 de julho de 2016. Neste capítulo é retratado o caso do fazendeiro que mandou despejar agrotóxicos sobre um assentamento no Mato Grosso. Além de destruir as plantações, intoxicou crianças e adultos. O fazendeiro afirma que as pessoas foram atingidas acidentalmente pois quando viram o avião foram tirar fotos. Também aqui temos galeria de fotos e outras histórias de conflitos por causa de terra.



figura 8: Acusado. Raposo diz que não teve intenção de jogar veneno no acampamento / Hélivio Romero/ Estadão

O capítulo seguinte é “Milícia Legalizada”, publicado em 12 de julho de 2016. Esse capítulo fala de conflitos que aconteceram no Pará, tanto por causa de gado, quanto da extração de castanhas. Como nos demais capítulos temos a presença de galeria de fotos e vídeo.



figura 9: Armamento. Homens da Atalaia Segurança e Vigilância em ronda na Fazenda Cedro / Dida Sampaio / Estadão

Dando sequência, o capítulo é “Mortes camufladas”, divulgado em 13 de julho de 2016. A reportagem inicia contando que no local onde a missionária Dorothy Stang foi morta, no Pará, esse tipo de crime é comum. Durante todo o texto são contadas diferentes histórias de personagens marcantes nas vidas da população local.



Figura 10 Atoleiro. Dias de chuva e lama na Transamazônica, perto de Anapu / Dida Sampaio/ Estadão

O quinto capítulo é “Saque na floresta”, publicado em 14 de julho de 2016. Esta reportagem fala da retirada ilegal de madeira da floresta, com a contratação de pistoleiros que apoiem o saque. Temos aqui também a presença de vídeo.



Figura 11: Ilegais. Estradas são abertas na floresta para roubar madeira / Dida Sampaio / Estadão

O sexto capítulo é “Destruição liberada” do dia 15 de julho de 2016. Aqui temos um texto que fala da conivência dos funcionários que deveriam proibir, no desmatamento e na venda ilegal de madeira. Há a presença de galeria de fotos e vídeo.



Figura 12: Tráfego Intenso. Caminhão transporta madeira entre Pimenta Bueno e Espigão D'Oeste, em Rondonia / Dida Sampaio / Estadão

“Curral clandestino” é a reportagem seguinte, de 16 de julho de 2016. Neste capítulo o principal ponto é a criação de gado em áreas indígenas, proibido por lei. Aqui temos dois vídeos e duas galerias de fotos.

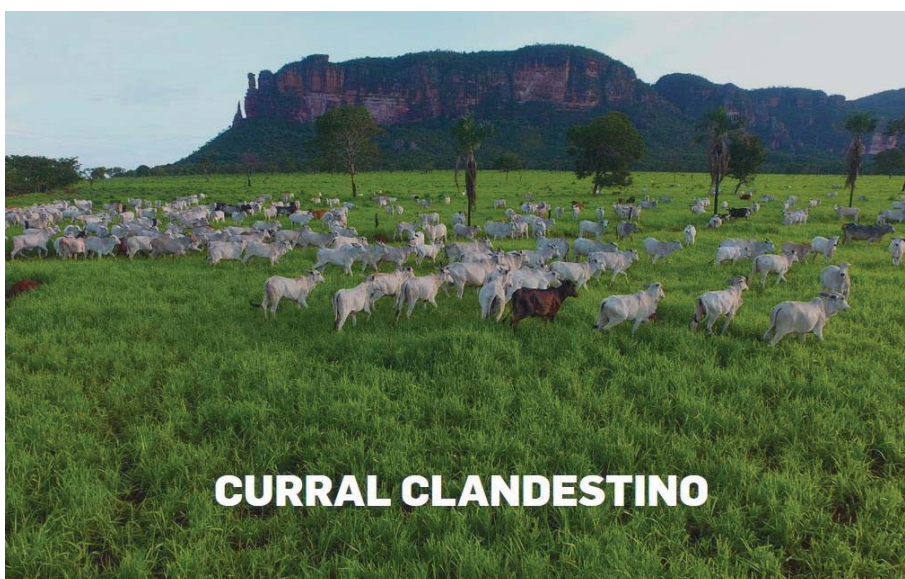


Figura 13: Serra do Roncador. Entorno convertido em pastagem, entre as BR-158 e BR-242, em Mato Grosso

O último capítulo da série é “Extermínio guarani-caiová”, publicada em 17 de julho de 2016. Nesta parte é retratada a história de índios que sofrem com o constante medo de serem expulsos dos lugares que vivem.



Figura 14: Taquara. Acampamento montado por guaranis-caiovós ao lado de plantação em Juti(MS)

Depois de analisar essa série, apesar de conter fotos, texto e vídeos em todos os capítulos, pudemos perceber que ela não pode ser caracterizada como especial multimídia pelo fato de não possuir a integração dos meios. Vimos que de forma separada elas podem ser compreendidas, no entanto notamos a falta de outros elementos como áudio e, principalmente, hiperlinks.

4.1.5 Alcatrazes: um mundo perdido no litoral paulista

A quinta e última reportagem analisada foi “Alcatrazes: um mundo perdido no litoral paulista”, escrita pelo jornalista Herton Escobar e publicada em 18 de dezembro de 2016.

A reportagem fala da ilha de Alcatrazes, no litoral paulista. Dividido em quatro partes: Introdução, Terra, Mar, História.

Inicia com um vídeo com vista do mar para a Ilha.



Figura 15: vídeo por Marcio Fernandes / Estadão

Cada capítulo traz imagens e diferentes características sobre a ilha. Na “Introdução” é explicado como o tempo transformou Alcatrazes em uma ilha e outras características históricas.



Figura 16: Capítulos da reportagem / Divulgação Estadão

Em todos os capítulos há a presença de elementos explicativos sobre cada tema. Na introdução explica como chegar até a ilha. No capítulo seguinte, “Terra”, como a natureza se adaptou ao local. Em “Mar” sobre como as espécies marinhas, muitas só existentes ali, vivem. E na “História”, como a ilha foi descoberta.

“Alcatrazes” traz texto, fotos, vídeo, imagens complementares. Porém esta também não pode ser considerada um especial multimídia pela falta de alguns elementos essenciais.

4.2 Resumo da análise

Após analisar a fundo as cinco reportagens, pudemos perceber que nenhuma delas é especial multimídia, apesar de todas conterem fotos, vídeo e texto. Para ser

considerada especial multimídia, a reportagem deve conter texto, fotos, vídeos, hiperlinks, áudios, infográficos.

O jornalismo brasileiro tem grande potencial, é necessário explorá-lo. Sabemos que na maioria das vezes um jornalista é responsável pela produção da reportagem, das fotos, vídeos e demais recursos. Porém, se queremos que ele se qualifique ainda mais é necessário esforço.

Nas reportagens analisadas aqui, poderíamos ter a presença de gráficos e entrevistas em áudio com os personagens. Links ligando o texto a outros complementares, como na reportagem *Recifes em Risco*.

De acordo com a revisão bibliográfica realizada neste estudo e a análise de vários autores nenhuma das cinco reportagens se encaixam como especial multimídia.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O principal objetivo deste trabalho foi compreender os especiais multimídia, através do Webjornalismo. Para conceituar as Palavras-chave Webjornalismo e reportagem foram encontrados mais estudos. No entanto, especiais multimídia foi mais difícil, por se tratar de um fenômeno novo.

Selecionamos o Estadão como veículo de análise e as cinco últimas reportagens produzidas em 2016 ¹⁰: Recife em risco; 1 ano de microcefalia: uma emergência esquecida; O futuro da astronomia brasileira no Deserto do Atacama; Terra Bruta; Alcatrazes: um mundo perdido no litoral paulista.

Ao compreendermos os conceitos e analisarmos as reportagens do Estadão, chegamos a conclusão que no Brasil, ainda, os recursos que a utilização dos especiais possibilita são pouco explorados, apesar de todas as reportagens contarem com texto, fotos e vídeos, não é suficiente para classificá-las como especial multimídia.

Vários autores estudados aqui defendem que as reportagens, para serem especiais, devem conter no mínimo cinco aspectos principais: texto, foto, vídeo, infográfico e hiperlinks.

O especial herda as características da reportagem do impresso, e integra diferentes formatos e gêneros do meio digital.

¹⁰ Selecionadas em 15 de outubro de 2017

6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BACCIN, Alciane Nolibos; DANIEL, Priscila Berwaldt. *A integração dos meios no especial multimídia “A Batalha de Belo Monte”*. 2014. Disponível em < <file:///D:/Users/Note%20Imprensa.PMCASCA/Downloads/8234-27480-1-PB.pdf> > acessado em: 20 de agosto de 2017.

CANAVILHAS, João. *Do jornalismo online ao webjornalismo: formação para a mudança*. 2005. Disponível em < <http://www.bocc.ubi.pt/pag/canavilhas-joao-jornalismo-online-webjornalismo.pdf> > acessado em: 10 de março de 2017.

_____, João. a. *Webjornalismo: Da pirâmide invertida à pirâmide deitada*. Organizado por BARBOSA, Suzana. JORNALISMO DIGITAL de terceira geração. Covilhã, 2007 Disponível em < <http://www.bocc.ubi.pt/pag/canavilhas-joao-webjornalismo-piramide-invertida.pdf> > acessado em 20 de março de 2017.

CRISTIANO, Barbara Acácia, SILVA, Verônica de Souza, CARRARO, Renata. *Repórter Multimídia: A grande reportagem na Internet*. Disponível em < <http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sudeste2012/expocom/EX33-0264-1.pdf> > acessado em: 05 de março de 2017.

FARAH, Angela Maria. *Grande reportagem e especial multimídia: aproximações possíveis*. Disponível em < http://s3.amazonaws.com/academia.edu.documents/44083713/Artigo_IBERCOM_Angela_Maria_Farah_2015.pdf?AWSAccessKeyId=AKIAIWOWYYGZ2Y53UL3A&Expires=1492017638&Signature=LAACkwdPgM00DrS69Bazmx%2B924w%3D&response-content-disposition=inline%3B%20filename%3DGRANDE_REPORTAGEM_E_ESPECIAL_MULTIMIDIA.pdf > acessado em:

FERRARI, Pollyana (org). *Hipertexto Hipermidia: as novas ferramentas da comunicação digital*. 2ed 2014.

FURTADO, Thais. *O aprofundamento como caminho da reportagem de revista*. Organizado por TAVARES, Frederico de Mello B., SCHWAAB, Reges. A REVISTA E SEU JORNALISMO. Porto Alegre. 1ed, 2013

GONÇALVES, Carlos Henrique de Castro; SANTOS, Jocyelma Santana dos. *Do jornal Impresso ao Webjornalismo: Técnicas de Produção e Edição na Era da Interatividade e Convergência de Mídias*. 2012. Disponível em <

<http://www.intercom.org.br/papers/regionais/norte2012/resumos/R29-0225-1.pdf> >

acessado em: 08 de agosto de 2017

GRADIM, Anabela. Organizado por BARBOSA, Suzana. *Jornalismo Digital de terceira geração*. Covilhã, 2007 Disponível em <

http://biblioteca.esec.pt/cdi/ebooks/docs/barbosa_suzana_jornalismo_digital_terceira_geracao.pdf > acessado em 18 de março de 2017

GODOY, Arilda Schmidt, *Introdução à Pesquisa Qualitativa e suas possibilidades*.

Disponível em < <http://www.scielo.br/pdf/rae/v35n2/a08v35n2.pdf> > acessado em: 10 de novembro de 2017

LIMA, Edvaldo Pereira. *Memória do Futuro: Jornalismo Literário Avançado no Século XXI*. Disponível em < <http://www.edvaldopereiralima.com.br/index.php/jornalismo-literario/artigos/211-memoria-do-futuro-jornalismo-literario-avancado-no-seculo-xxi-2>

> acessado em 04 de abril de 2017.

LONGHI, Raquel Ritter. *Narrativas webjornalísticas em multimídia: breve estudo da cobertura do NYTimes.com na morte de Michael Jackson*. 2009. Disponível em <

[http://s3.amazonaws.com/academia.edu.documents/30886866/raquel_ritter_longhi.pdf?AWSAccessKeyId=AKIAIWOWYYGZ2Y53UL3A&Expires=1492017079&Signature=TUcIdtIJRsdS82Yvg%2FH7YFAb7%2F8%3D&response-content-](http://s3.amazonaws.com/academia.edu.documents/30886866/raquel_ritter_longhi.pdf?AWSAccessKeyId=AKIAIWOWYYGZ2Y53UL3A&Expires=1492017079&Signature=TUcIdtIJRsdS82Yvg%2FH7YFAb7%2F8%3D&response-content-disposition=inline%3B%20filename%3DNarrativas_webjornalisticas_em_multimidi.pdf)

[disposition=inline%3B%20filename%3DNarrativas_webjornalisticas_em_multimidi.pdf](http://s3.amazonaws.com/academia.edu.documents/30886866/raquel_ritter_longhi.pdf?AWSAccessKeyId=AKIAIWOWYYGZ2Y53UL3A&Expires=1492017079&Signature=TUcIdtIJRsdS82Yvg%2FH7YFAb7%2F8%3D&response-content-disposition=inline%3B%20filename%3DNarrativas_webjornalisticas_em_multimidi.pdf) > acessado em 07 de agosto de 2017

_____, Raquel Ritter. a. *Os nomes das coisas: em busca do especial multimídia*.

Revista ESTUDOS EM COMUNICAÇÃO nº 7 – volume 2. 2010. Disponível em < <http://www.ec.ubi.pt/ec/07/vol2/longhi.pdf> > acessado em: 02 de março de 2017.

MACHADO, Elias. O Ciberespaço como fonte para os jornalistas. disponível em: <

<http://www.bocc.ubi.pt/pag/machado-elias-ciberespaco-jornalistas.pdf> > acessado em:

30 de agosto de 2017.

MIELNICZUK, Luciana. *A Pirâmide Invertida na Época do Webjornalismo*: Tema para debate. 2002. Disponível em < <https://pt.scribd.com/document/63895095/A-Piramide-Invertida-Na-Epoca-Do-Webjornalismo> > acessado em: 29 de julho de 2017.

OLIVEIRA, Caroline Farinazzo; GLANZMANN, José Honório. *Jornalismo na era da Web 2.0*. p. 97-114, 2010. Disponível em < [https://www.cesjf.br/revistas/cesrevista/edicoes/2010/06 COMUNICACAO_jornalismo_naeradaweb.pdf](https://www.cesjf.br/revistas/cesrevista/edicoes/2010/06_COMUNICACAO_jornalismo_naeradaweb.pdf) > acessado em: 05 de agosto de 2017.

PALÁCIOS, Marcos; MIELNICZUK, Luciana; BARBOSA, Suzana; RIBAS, Beatriz e NARITA, Sandra. *Um mapeamento de características e tendências no jornalismo online brasileiro*. Disponível em < http://www.facom.ufba.br/jol/pdf/2002_palacios_mapeamentojol.pdf > acessado em 17 de março de 2017

PONTES, José Alfredo Vidigal. *O Estado de S. Paulo*. Disponível em < <http://www.estadao.com.br/historico/print/resumo.htm> > acessado em 20 de setembro de 2017

PRIMO, Alex; TRÄSEL, Marcelo Ruschel. *Webjornalismo participativo e a produção aberta de notícias*. Contracampo (UFF), v. 14, p. 37-56, 2006. Disponível em < <http://www.ufrgs.br/limc/PDFs/webjornal.pdf> > acessado em: 05 de agosto de 2017.

ROCHA, Liana Vidigal. *A utilização de elementos multimídia no jornalismo online: a cobertura do G1 sobre o Tsunami no Japão*. 2011. Disponível em < <file:///D:/Users/Note%20Imprensa.PMCASCA/Downloads/A%20utilizacao%20de%20elementos%20multimidia%20no%20jornalismo%20online%20a%20cobertura%20do%20G1%20sobre%20o%20Tsunami%20no%20Japao.pdf> > acessado em 13 de setembro de 2017.

SALAVERRÍA, Ramon. *Multimedialidade: Informar para cinco sentidos in WEBJORNALISMO: 7 características que marcam a diferença*. 2014. Disponível em < http://www.academia.edu/9628319/Multimedialidade_informar_para_cinco_sentidos > acessado em: 10 de agosto de 2017

STEFANELLI, Eduardo J. - *Multimídia – texto básico*. Disponível em < <http://www.stefanelli.eng.br/multimidia/> > acessado em: 08 de agosto de 2017.

XAVIER, Antonio Carlos. *Leitura, texto e hipertexto*. Disponível em <
<http://tpleitura.pbworks.com/w/file/fetch/65870720/Xavier%20-%20Leitura%20texto%20e%20hipertexto.pdf> > acessado em: 05 de março de 2017